

ABP tem nova diretoria

Durante o II Encontro Luso-Brasileiro de Psicanálise, realizado de 15 a 17 de novembro, em Salvador, com grande sucesso – cerca de 400 participantes – foi eleita a nova diretoria da ABP para o biênio 2008/2009 pela Assembléia de Delegados. A presidência será exercida pelo dr. Cláudio Rossi, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de S.Paulo (SBPSP). Mais informações na pág. 13.

Decanos pensam a psicanálise do século XXI

Qual será o futuro da psicanálise? Qual o papel dos Institutos de Formação? Como devem se organizar? Qual a relação que teremos com as neurociências? Essas questões foram respondidas por três dos mais experientes e conhecidos psicanalistas brasileiros, numa entrevista com o editor do jornal, Leonardo Francischelli. (Págs. 3, 4 e 5)



Quais os desafios da Psicanálise ?

Para Alexandre Kahtalian, membro efetivo da SBPRJ, "estamos atravessando um momento enraizado em mudanças da arquitetura social e dos fenômenos emergentes: sociedade do espetáculo, velocidade dos eventos e da comunicação, ausência de tecnologias, de uma modernidade fluida...". Ainda, segundo Kahtalian, as leis de mercado prevalecem, indicando direções futuras para a sociedade, com a desconstrução da família, novos arranjos nos acasamentos, etc. Isso tudo, para ele, enseja a construção de novas teorias e alguns desafios. (Pág. 8)



Notícias

Ano XI • Nº 35 • Rio de Janeiro • 18 de Novembro de 2007

Associação Brasileira de Psicanálise

Carta do Editor

"Não se aprende samba no colégio", diz a música. E, em relação à psicanálise, poderíamos afirmar que não se aprende psicanálise na universidade? Quando, em 1919, Ferenczi foi nomeado professor de Psicanálise na Universidade de Budapeste – momento florescente da psicanálise – Freud escreveu o artigo: "Deve-se ensinar psicanálise na universidade?"

Neste trabalho ele examina a questão sob diversos aspectos. Comenta sobre a criação de uma "cátedra de psicanálise" como maneira da ciência analítica ser introduzida na vida acadêmica. Deseja promover conhecimentos de psicologia profunda – a subjetividade – como uma informação básica sobre o homem, para estudantes de medicina. No exercício da formação de analistas parece bastante reticente.

Delega a formação do psicanalista clínico aos institutos, criados especialmente para esse fim, no âmbito interno das respectivas sociedades, prescindindo da universidade. Em nosso país, nossos institutos de formação são fiéis a esse preceito freudiano, pois até os dias atuais, nenhum deles criou ou manteve vínculos estreitos com a vida universitária. A que devemos essa fidelidade de nunca cruzar essas fronteiras? A vertente lacaniana, ainda que tenha sido ela a primeira a se aproximar dos meios acadêmicos de forma orgânica, através do Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII no fim da década de 60, coloca como Freud, alguns importantes obstáculos à psicanálise como disciplina, por exemplo, a oposição entre verdade e saber. O lugar do saber é a academia enquanto o da verdade é a ciência do inconsciente. Todo o sujeito, na sua experiência como paciente, imagina-se procurando a sua verdade, aquém ou além do saber – sustentam autores de filiação lacaniana.

Mas, onde estará a verdade? Nos lapsos, nos equívocos, nos esquecimentos. Ali, onde aparecem os efeitos de enganos é que está o mais verdadeiro do ser. Então? Como conciliar essa verdade ontológica ao conhecimento do saber universitário. Conseguiremos dar esse salto sem perder nossa identidade como psicanalistas? A firmeza de nossas posições freudianas serão um impeditivo para mantermos o vínculo com a academia? Como poderemos administrar essa questão? A psicanálise seria como o samba, que não se aprende na escola? Nos despedimos com muitos questionamentos. Mas, no final, o mais importante não será a pergunta?

Lembro ainda da emoção de nossa primeira edição do ABP Notícias, sob nossa responsabilidade. Havia ansiedade. Todos queríamos conhecer os resultados das mudanças que a equipe havia proposto tanto na forma como no conteúdo, e, quando o vimos, vibramos em uníssono: valeu o trabalho. Agora ficará a saudade dessa construção que é elaborar um veículo de notícias com regularidade. O ABP Notícias segue. Nós o seguiremos desde outro lugar. A troca de lugares consagra a democracia.

A todos muito obrigado pela oportunidade.

Um abraço, boa leitura.

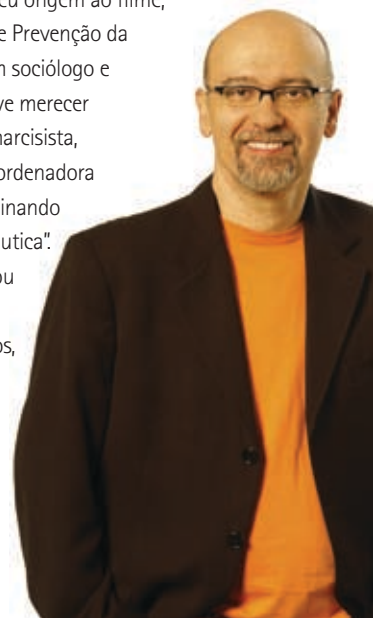
Leonardo A. Francischelli

Qual a relação que deve haver entre a Psicanálise e a Universidade?

Para responder a essa pergunta, que tem mobilizado a categoria, inclusive em função de correntes mais sintonizadas com o meio universitário, o presidente da IPA, Cláudio Eizirick, e a analista didata da SBPSP, Maria Olympia França, fazem algumas considerações sobre a relação necessária e a questão dos centros de formação e o espaço universitário. Para Eizirick, o caráter artesanal da formação analítica é um excelente modelo para o ensino universitário em seus vários níveis. Segundo Eizirick, a relação professor-aluno e profissional-paciente pode beneficiar-se da aplicação da escuta analítica e da apreensão do psíquico. Já Maria Olympia acha que "o grande benefício do ensino da psicanálise nas universidades está ligada à capacidade crítica, de reflexão epistemológica, que os acadêmicos possuem e que são capazes de transmissão". (Pág. 6)

O que não foi dito sobre Tropa de Elite

Para um dos autores do livro, que deu origem ao filme, o secretário de Valorização da Vida e Prevenção da Violência de Nova Iguaçu, e também sociólogo e prof. Luiz Eduardo Soares, o que deve merecer destaque e reflexão é "a tendência narcisista, especular, defensiva e taxonômica, ordenadora e controladora, que acabou predominando nesse exercício coletivo de hermenêutica". Para ele, pouco ou quase nada restou para uma real avaliação das obras (livro e filme), como objetos estéticos, estruturas narrativas e construções formais. "Raramente foram analisadas enquanto literatura e arte cinematográfica". (Pág. 16)





Pedro Gomes
Presidente da ABP

Há o momento da chegada e, também, o da despedida, da partida. Finalmente, quatro palavras que sintetizam o nosso pensamento: "Missão cumprida. Desafio vencido". Chegamos ao final de nossa gestão. Foram dois anos de muito trabalho, com o objetivo de fortalecer a nossa Federação, visando melhor relação entre as Federadas. Tentamos da melhor maneira possível a divulgação e difusão da psicanálise em nosso território. Por meio do ABP Notícias, aproveitei a oportunidade neste seu último número em nossa gestão para agradecer a todos os colegas que nos confiaram neste período dos destinos da ABP. Cremos que atingimos nossos objetivos.

Finalizo, colocando a seguir alguns pontos importantes de nossa gestão:

1. Congregação de todas as nossas Sociedades, criando assim um clima muito propício de união para o desenvolvimento e difusão da Psicanálise, e a participação, muito ativa e agregadora, de nossas Sociedades nos Conselhos de Presidentes e Assembléia de Delegados da FEPAL.
2. Criação da Reunião de Diretores de Instituto, onde, pela primeira vez, pudemos conversar e discutir sobre formação psicanalítica no âmbito da ABP.
3. Criação do Centro de Estudos de Psicanálise de Salvador
4. Contratação de José Carlos Zanini (advogado), que nos assessorou no projeto da "Regulação da Profissão de Psicanalista", e da Empresa "Representações Wolff", para fazer a pesquisa do Perfil do psicanalista brasileiro.
5. Criação do embrião para um futuro Núcleo de Psicanálise em Cuiabá-MT
6. Primeiro evento em parceria com o IBDFAM, em outubro de 2006, e participação do IBDFAM em Mesa no XXI Congresso Brasileiro.
7. Realização, com grande sucesso, do XXI Congresso Brasileiro em número de participantes: 1222, assim como nas atividades científicas e sociais
8. Incremento da parceria com a Associação Brasileira de Psiquiatria:
 - a) com um livro feito em conjunto, ainda em fase de organização e
 - b) um curso Psiquiatria/Psicanálise, realizado em julho/2007
9. Criação do Boletim Eletrônico, que agilizou e permitiu melhor comunicação entre nossos membros.
10. A realização do II Congresso Luso-Brasileiro e o I Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa. Com isto estamos começando a atingir o nosso objetivo, que é divulgar e difundir a psicanálise em países de língua portuguesa.
11. Número especial da Revista Psique (Os grandes Pensadores da Psicanálise), feito em julho de 2007 em parceria com a ABP.

Mais uma vez agradeço a todos os Presidentes e Delegados que nos ajudaram muito em nossa tarefa. Por outro lado, informo que o balanço geral de nossa diretoria, encontra-se disponível na secretaria de cada sociedade.

Pedro Gomes

Expediente

Conselho Diretor

Presidente Pedro Gomes
Secretário Cláudio Rossi
Tesoureiro Rosa Maria Carvalho Reis

Conselho de Coordenação Científica

Diretora Telma Gomes de Barros Cavalcanti
Secretária Rosângela de Oliveira Faria

Conselho Profissional

Diretor Jair Rodrigues Escobar
Secretário Sylvain Nahum Levy

Conselho de Relações Exteriores

Diretora Leila Tannous Guimarães

Deptº de Publicações e Divulgação

Diretor Leonardo A. Francischelli
Secretário Sergio Nick
Secretária auxiliar - PoA Augusta G. Heller

Editor da Revista Brasileira de Psicanálise Leopold Nosek
Editora Associada Maria Aparecida Quesado Nicoletti

Administração

Diretor Superintendente
Sérgio Antônio Cyrino da Costa
Secretárias Administrativas
Lúcia Lustosa Boggiss e
Renata Lang Marcel

Delegados

Luis Carlos Menezes
Myrna Pia Favilli
Alexandre Kahtalian
Carlos Roberto Saba
Altamirando Matos de Andrade Jr.
Bernard Miodownik
Ruggero Levy
Jair Rodrigues Escobar
Ivanise Ribeiro Eulálio Cabral
Alirio Torres Dantas Jr.
Rosaura Rotta Pereira
Bruno Salésio da Silva Francisco
Ana Rosa Chait Trachtenberg
Leonardo A. Francischelli
Pedro Paulo de Azevedo Ortolan
José Cesário Francisco Júnior
Maria Silvia Regadas de Moraes Valladares
Ronaldo Mendes de Oliveira Castro
Gleda Brandão Coelho Martins de Araújo
Miriam Catia Bonini Codorniz
José Alberto Zusman
Cláudio Tavares Cals de Oliveira
Cláudio José de Campos Filho
Sergio Antonio Cyrino da Costa

Conselho Científico

Carlos de Almeida Vieira
Flávio Roithmann
Luiz Marcirio Kern Machado
Mabel Cristina Tavares Cavalcanti
Maria Aparecida Duarte Barbosa

Maria da Conceição Davidovich
Miriam Catia Bonini Codorniz
Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro
Regina Helena Manhães Neves
Sérgio Cyrino da Costa
Sergio Lewkowicz
Waldemar Zusman

Conselho Profissional

Gleda Brandão Coelho Martins de Araújo
Eduardo Afonso Júnior
Jair Rodrigues Escobar
José Luiz Meurer
Lopes Pedro Meller
Marina Massi
Neilton Dias da Silva
Paulo Cesar Lessa
Sergio Antonio Cyrino da Costa
Sergio Eduardo Nick
Suely de Fátima Severino Delboni
Sylvain Nahum Levy

Edição

JLS Comunicação & Associados
Editor José Luiz Sombra
Redatora Andreia Cony e
Rafaela Passos
Projeto Gráfico e Diagramação
Interface Designers - Sérgio Liuzzi
Amanda Mattos

A psicanálise no século XXI, na visão dos decanos.

Entrevista realizada por
Leonardo Francischelli e Augusta Heller, do ABP Notícias

O que esperar da Psicanálise neste século que se inicia? Como formar analistas para a pós-modernidade? E as neurociências, nos ajudarão? Essas e outras questões sobre o futuro de nosso fazer foram colocadas para três de nossos membros mais antigos com o intuito de conhecer o olhar daqueles que já estão há longo tempo na estrada. Convidamos a dra. Lenise Azoubel, da SBPSP e SBPRP, o dr. David Zimerman da SPdePA, e o dr. José Candido Bastos, da SBPRJ, para responder às perguntas formuladas pelo nosso editor, dr. Leonardo Francischelli e Augusta Heller.

1. A partir de sua experiência clínica, o que pensa sobre a eficácia e o futuro da psicanálise?

Dra. Lenise Azoubel: Agradeço o convite que me foi feito pelo ABP Notícias, para responder algumas questões, com respeito a nossa prática e formação psicanalíticas. Não tenho respostas prontas, bem definidas, mas vou tentar aqui procurá-las e é, neste percurso, que posso encontrar algum sentido na minha forma específica de pensar. Ao questionar sobre a eficácia e o futuro da psicanálise penso na modernidade e pós-modernidade; o que é a modernidade? Como será a pós-modernidade? Estes questionamentos me levam a cogitar sobre o mundo contemporâneo. Não há modernidade sem racionalização, diz Tourraine, citado pelos autores franceses Jean Pierre Pourtois e Huguette Desmet (1997).

De fato, a modernidade, diz o autor, é uma difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica e administrativa. É o triunfo da razão em todos os campos. Em outros termos, a modernidade se define por uma separação entre o mundo objetivo, criado pela razão, e o mundo da subjetividade, centrado na pessoa. Dessa forma o período moderno afirma claramente a "morte" do sujeito, em vez de ser "ator de sua vida pessoal." Por outro lado, corre-se o risco de fechar-se na obsessão de sua identidade, no seu individualismo. Não se trata pois, de escolher entre a razão e o sujeito, mas de estabelecer um diálogo entre esses dois princípios fundadores."

Lembro-me de um diálogo interessante entre um cientista que realizou uma clonagem humana e o personagem original. Dizia o cientista: veja que aspecto maravilhoso você poder se perceber quando tinha 20 anos? Olha o quanto a ciência evoluiu? E o personagem original dizia: Você não percebe o meu sofrimento? Você acha que é fácil me olhar no outro, quando eu tinha 20 anos? Eu tenho agora 40 anos... e tudo aquilo que deixei de fazer e de ser eu mesmo? Como você ousou fazer um clone meu sem a minha permissão? E o cientista muito surpreso com o que estava ouvindo, insistia racionalmente do quanto a ciência se desenvolveu muito e do quanto ele foi o único capaz dessa experiência. Retrucou o personagem original: Você não percebe? E a minha dor? Porque você me escolheu?

No mundo contemporâneo, os computadores, os videogames, a internet, o sexo virtual, a barriga de aluguel, a fecundação in vitro e etc, são configurações novas que percebemos e tentamos compreender uma vez que não podemos deixar de considerar que fazem parte da vida pós-moderna, e que nós vamos aprender a lidar com essa realidade. Afinal o que é a pós-modernidade? A emergência do "sujeito" num processo de integração que

caracteriza o acolhimento da razão e do ser. A psicanálise tenta integrar a racionalidade e a subjetivação, enfrentando no mundo contemporâneo a modernidade em toda a sua pujança. O pós-moderno, então, seria a reconstrução da modernidade. Não se trata apenas do futuro da psicanálise, mas a nossa luta atual no mundo contemporâneo.

Dr. José Candido: Não tenho nenhuma dúvida da eficácia da psicanálise e acho que ela continuará a ser usada no futuro, não só em seu padrão clássico, mas com as várias mudanças em que seus fundamentos teóricos continuarão a ser usados, com as devidas modificações técnicas que possibilite seu emprego, nestas novas modalidades de ação, como nas psicoterapias breve e de grupo, além de outras.

Dr. David Zimerman: Antes de começar a debater as questões levantadas pela ABP Notícias, faço questão de fazer dois registros: o primeiro, para agradecer e expressar o meu sentimento de ter sido honrado por ser indicado pela diretoria da ABP, juntamente com outros distintos colegas, para expressar opiniões e posições em torno de uma importante, controversa e sempre atual temática que diz respeito à psicanálise, psicanalistas, critérios dos Institutos, acerca de formação de novos psicanalistas e o enfoque da intersecção da psicanálise com as neurociências.

O meu segundo registro consiste no meu dever de deixar bem esclarecido que a tomada de posições que segue é de minha inteira responsabilidade pessoal, de modo que, nem de longe, pretendo ser o porta-voz dos atuais movimentos que estudam e debatem o passado, o presente e o futuro da psicanálise. Tampouco, muito menos, represento o pensamento que possa ser o vigente na minha sociedade, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

A partir da minha experiência de prática psicanalítica – que se prolonga por mais de 40 anos – tenho acompanhado várias crises da psicanálise e de psicanalistas, assim como também percebo profundas transformações nas clássicas concepções metapsicológicas, teóricas, técnicas e, sobretudo, na prática da clínica psicanalítica cotidiana. Particularmente, tenho a convicção de que a minha forma de entender e de praticar a psicanálise na atualidade é tão diferente da forma de como eu a praticava até algumas décadas atrás, que uma comparação me levaria a parecer que a forma passada de exercer a minha clínica psicanalítica me é quase que irreconhecível na atualidade.

Acredito que a psicanálise esteja, no atual momento de sua existência, atravessando mais uma crise, especialmente em torno da percepção de que novas – e aceleradas – transformações estão se processando em todas áreas do universo, logo, também a psicanálise, forçosamente, terá que se adaptar às mudanças sociais, econômicas, culturais, científicas, etc.

Cabe a pergunta: a psicanálise atual está em crise? Partindo do princípio de que o significado da palavra "crise" designa que as coisas atingiram um ponto intolerável – o que não significa necessariamente que esteja havendo uma deterioração, a resposta é que sim, a psicanálise atual está atravessando uma crise – assim como já atravessou tantas outras ao longo de mais de um século desde a sua criação, e as superou todas – exigindo sérias mudanças para acompanhar as transformações do mundo. Ao mesmo tempo, a resposta poderia ser a de que a psicanálise não está em crise (no

"O Instituto, que é um órgão formador, está atento aos vários problemas apresentados? Têm os Institutos um diálogo aberto com os seus pares? Aceitam críticas construtivas? Está aberto para a possibilidade de inovar? De fazer novas experiências?"

dra. Lenise Azoubel

sentido negativo da palavra), pois existem claras evidências de que ela está muito viva, como é possível observar no meio educacional em relação ao crescente debate de novas concepções de ensino-aprendizagem; no progressivo interesse da população em geral no que diz respeito à importância dos princípios psicanalíticos; na forma respeitosa de como a mídia está abordando temas relativos à psicanálise; nas artes em geral, notoriamente em produções teatrais e cinematográficas, numa interação com diversos tipos de públicos; em programas voltados para a saúde mental; na medicina em geral; em todas ciências humanísticas, como no direito, na sociologia, filosofia, entre tantas outras.

Mais especificamente em relação às transformações que já estão se processando, e as novas transformações que estão se ensaiando em relação à psicanálise futura, é útil discriminar as mudanças em relação ao perfil dos pacientes que hoje procuram tratamento psicanalítico; também em relação ao perfil do psicanalista contemporâneo; e as transformações que acontecem no entendimento e manejo dos distintos fenômenos que caracterizam o processo psicanalítico.

2. Sobre a formação de novos psicanalistas, como os institutos deveriam se organizar para o ensino e transmissão da prática psicanalítica, considerando-se as patologias contemporâneas?

Dra. Lenise Azoubel: Ao me defrontar com esta questão, pensei num livro que li: Professores para quê?, de Georges Gusdorf (1995). Diz o autor: "o colóquio singular entre o professor e o aluno, a confrontação de suas existências expostas uma à outra, e recusadas uma à outra, continua sendo ponto de uma reflexão sobre o sentido da educação" e, mais adiante, "a realidade fundamental continua sendo esse diálogo aventureiro, durante o qual, o professor e o aluno de maturidade desigual confrontam-se, mas onde cada um, a seu modo dá testemunho perante o outro das possibilidades humanas."

Em que ponto o Instituto pode se "robotizar"? Digo robot no sentido de se acomodar aos processos antigos, sem pensar nas experiências vividas para tomar atitudes mais vitalizadoras. Lembro-me de uma definição de tradição (O Zen na arte da cerimônia do Chá): "Tradição, no sentido japonês, não é a mera transmissão de algo estabelecido, acabado, criado por um Mestre. Tradição significa o ensino de um mestre em sua totalidade, e o "continuo vivenciar" do seu legado em toda a sua plenitude. E não são apenas os aspectos já maduros de um Caminho os transmitidos, pois a tradição também inclui o que ainda está imaturo, os elementos ainda em crescimento." Nós sabemos que alguns colegas são excelentes clínicos, mas não são bons coordenadores de ensino e supervisores "pedagógicos". E assim por diante. Penso que o enfoque atual está pontuando o psicanalista e a sua formação. Ressalto então que o processo seletivo é sério e importante no sentido de poder pensar os vários significados do vir a ser analista, uma vez que a nossa ferramenta de trabalho somos nós mesmos. O Instituto, que é um órgão formador, está atento aos vários problemas apresentados? Têm os Institutos um diálogo aberto com os seus pares? Aceitam críticas

construtivas? Está aberto para a possibilidade de inovar? De fazer novas experiências? Os coordenadores de Ensino se reúnem para abertamente discutirem as suas dúvidas e dificuldades, não só na transmissão dos seus textos teóricos, ou em relação ao candidato ou à metodologia aplicada etc? A SBPSP, através de sua Presidência, juntamente com os seus pares em Assembléia Geral durante três anos procurou questionar, discutir, criticar construtivamente as experiências vivenciadas, buscando uma reflexão que operasse uma transformação nos seus Estatutos. Valeu a pena? Penso que sim. As discussões havidas, as diferenças de visão de um determinado problema são em si propiciadores de reflexão e possibilitadores de mudanças. Agora, é observar as respostas às novas experiências. Penso que as patologias contemporâneas estão nos consultórios dos Didatas, nos Consultórios dos Membros e no Consultórios dos Candidatos, e porque não dizer, às vezes, entre nós mesmos.

Dr. José Candido: Não sei se realmente será necessária uma nova técnica a ser ensinada, mas mostrar sempre que os fundamentos básicos de nossa teoria continuam os mesmos, e que as novas patologias são frutos das modificações culturais da atualidade.

Dr. David Zimmerman: As patologias contemporâneas abrangem um largo leque, como é o caso de pacientes que sofrem de uma baixa auto-estima; o número, cada vez mais freqüente, de patologia depressiva; personalidades portadores de falso self; porém, sobretudo, o maior contingente de patologias contemporâneas é composto por pacientes que sofrem da patologia do vazio (pacientes portadores de "cápsulas autísticas"; pacientes psicóticos; borderline; adictos em geral, etc.). Desta forma os Institutos deveriam se organizar em preparar os candidatos à necessidade de eles desenvolverem atributos pessoais (que Bion chamava de "Condições mínimas necessárias para ser psicanalista").

Dentre essas "condições mínimas" cabe destacar algumas, como: Capacidade de ser Contínua, para poder acolher, conter, decodificar, dar um significado, sentido e nomeação às necessidades e angústias que o paciente regredido, cheio de vazios, acuado por uma terrível "angústia de desamparo", projeta dentro dele, analista, da mesma forma como o bebê tenta fazer com sua mãe. Uma outra condição mínima fundamental é a de o analista possuir a capacidade de empatia, isto é, a de ele conseguir colocar-se no lugar de seu paciente e, assim, poder sentir – junto com ele – a dor psíquica ("pathos") que suplicia este paciente, o qual, muitas vezes, não consegue verbalizar como é essa dor de angústia e nem de onde ela vem, porquanto na maioria das vezes trata-se de um "terror sem nome". Cabe ao analista decifrar a sua origem, e propiciar os respectivos insights ao paciente. Outra condição mínima necessária para o analista consiste na capacidade de ele sobreviver aos ataques agressivos, eróticos e narcisistas que, naturalmente, partem em abundância deste tipo de pacientes.

3. Será que podemos ou devemos modificar os critérios da formação analítica no seu tripé clássico: análise pessoal, seminários e supervisão?

Dra. Lenise Azoubel: Penso que falta no tripé clássico, um outro que chama-

"Eu acho que pequenas modificações técnicas podem ser feitas neste famoso tripé, mas que o mesmo deve necessariamente ser conservado na formação dos futuros colegas."

dr. José Candido

Da mesma forma, tal como Freud pregava, a psicanálise ficaria muito mais enriquecida – e enriquecedora – se fizesse uma aproximação mais intensa com a Medicina, com a Física moderna, com Antropologia, Sociologia, as diversas modalidades de Artes, Filosofia, Religião, Mitologia, etc.

dr. David Zimerman

mos de "a relação com a Instituição". As relações entre os candidatos, membros associados, membros efetivos, e didatas, mais natural, mais receptiva e acolhedora sem exageros;

De um certo modo minha resposta está embutida na segunda questão... Freud já em 1919, nos comunica o seguinte:

"Como sabem, nunca nos vangloriamos da inteireza e do acabamento definitivo de nosso conhecimento e de nossa capacidade. Estamos tão prontos agora, como estávamos antes, a admitir as imperfeições da nossa compreensão, a aprender novas coisas e a alterar os nossos métodos de qualquer forma que os possa melhorar".

É necessária uma reavaliação metódica da prática analítica, levando em consideração um exame acurado do que se tem feito até aqui, a fim de poder pensar quais são os fatores passíveis de mudança. Outrossim, o importante é questionarmos se teremos condições psíquicas para as transformações.

A SBPSP fez um Congresso Interno em 26-28 de outubro no Hotel Village, Eldorado, em Atibaia (SP), sobre "Análise do analista e nosso sistema de formação." O XXVII Congresso Fepal em 2008, em Santiago de Chile, tem como eixo clínico "La persona y la presencia del analista". Ao meu ver, ambos revelam as inquietações do mundo psicanalítico contemporâneo.

Dr. José Candido: Eu acho que pequenas modificações técnicas podem ser feitas neste famoso tripé, mas que o mesmo deve necessariamente ser conservado na formação dos futuros colegas.

Estas pequenas modificações seriam nas frequências das sessões da análise de formação, ou na relação dos períodos de supervisão com o período de análise ou do aprendizado teórico.

Dr. David Zimerman: Não creio que este tripé clássico deva ser modificado ou, muito menos, abolido. O que penso é que nem sempre a aplicação de cada um dos pés do aludido tripé é executado de forma adequada. Não obstante eu reconheça que as inadequações estão gradativamente diminuindo e se tornando bastante mais adequadas na atualidade, todos nós já testemunhamos situações em que os candidatos eram por demais infantilizados. Acompanhei muitas supervisões coletivas em congressos de psicanálise realizados em várias partes do Brasil, em que a tônica da supervisão era uma tentativa de enquadrar o candidato numa única fôrma ("...tens que dizer tal coisa; tens que interpretar tudo na transferência, senão não é psicanálise, não passa de psicoterapia; e assim por diante, num grande número de vezes, havia um abortamento da espontaneidade e da tentativa de criatividade por parte dos candidatos.

Vou dar alguns exemplos: uma candidata, cumprindo o currículo de ensino do seu Instituto, apresentou um trabalho escrito em que ela ousava citar autores modernos e aportava algumas idéias que brotaram de sua espontaneidade. O examinador de seu trabalho a reprovou, mandou que ela refizesse tudo, dentro dos "padrões clássicos", que não se metesse a inventora de novidades e concluiu lhe dando a explicação de que ela estava em "formação" e que a origem desta palavra vem de fôrma", logo, ela deveria se enquadrar numa fôrma tradicional e ser igual a todo mundo.

Um outro exemplo: no início de minha formação, por ocasião da espera do 1º paciente para análise que seria a minha 1ª supervisão oficial, o super-

visor que escolhi, me avisou que o meu paciente, segundo as normas do Instituto, deveria ser do sexo masculino. Estranhei, ousei perguntar se havia alguma razão para essa recomendação, recebi uma resposta vaga, e só uns 20 anos após, num encontro entre psicanalistas didatas, um assunto correlato a este surgiu e voltei a formular a mesma pergunta, relativa à razão de porque o 1º paciente deveria ser do mesmo sexo do analista. A resposta diz tudo: era para proteger o candidato das angústias que as fantasias e os desejos sexuais do candidato na frente do paciente do sexo oposto poderia lhe despertar uma ansiedade intolerável.

O mais impressionante é que fiquei sabendo pouco tempo depois, que um outro importantíssimo Instituto de uma Sociedade psicanalítica brasileira adotava um procedimento totalmente oposto: o 1º paciente deveria ser de sexo oposto para poupar o candidato de uma provável angústia de natureza homossexual. Convenhamos, o candidato era tratado como uma criancinha frágil, que deveria ser protegido e o maior aprendizado, na época, era a dele ser bem comportado e seguir ao pé da letra todos os ensinamentos ditados pelos mestres.

4. O que pensa sobre a intersecção da psicanálise com as novas neurociências?

Dra. Lenise Azoubel: Penso que a cautela e a prudência são necessárias para acompanhar o uso dos avanços científicos das novas neurociências.

Dr. José Candido: Acho que a psicanálise é uma forma de tratamento psicológico e, assim sendo, vinculada a atividade mental, que por sua vez é principalmente vinculada à atividade cerebral. Assim sendo nos só podemos enriquecer nossos conhecimentos. Voltando àquela neurociência incipiente com que Freud começou a trabalhar, sendo que agora ela tem instrumentos técnicos que não podemos deixar de apreciar, enriquecendo nosso conhecimento sobre a matéria que estudamos e com a qual trabalhamos. Outro ponto que deve aqui ser levado em conta é o uso dos recursos farmacológicos, empregados pelo próprio analista ou por algum psiquiatra de sua confiança. Esta possibilidade já era prevista por Freud quando em 1938/1940 dizia: "O futuro pode ensinar-nos a exercer influência direta, através de substâncias químicas específicas, nas quantidades de energia e na sua distribuição no aparelho mental." (Esboço de Psicanálise, 1940)

Dr. David Zimerman: Penso que essa aproximação é excelente, especialmente porque resulta numa recíproca troca de benefícios. Quero aproveitar essa questão que foi oportunamente levantada e dar uma abrangência bem mais ampla. Assim, a psicanálise também pode fazer maior aproximação (na atualidade já está acontecendo, em boa parte) com a psiquiatria, notadamente com a moderna psicofarmacologia. Da mesma forma, tal como Freud pregava, a psicanálise ficaria muito mais enriquecida – e enriquecedora – se fizesse uma aproximação mais intensa com a Medicina, com a Física moderna, com Antropologia, Sociologia, as diversas modalidades de Artes, Filosofia, Religião, Mitologia, etc. ■

Psicanálise e Universidade: uma relação necessária

Cláudio Laks Eizirik
Presidente da IPA

A relação da psicanálise com a universidade é complexa e mutuamente ambivalente, a começar por Freud. Os encontros e desencontros daquele período ainda lançam luzes e sombras sobre o que acontece na atualidade. De qualquer maneira, existem experiências exitosas e de longa duração de formação analítica realizada dentro da Universidade, em especial na América do Norte. Por outro lado, há experiências mais recentes, na América Latina, de Institutos cuja formação é reconhecida como equivalente a mestrado ou doutorado. Isto posto, o tema dessa relação pode ser abordado em três níveis.

O primeiro é o ensino de psicanálise nos cursos de graduação, em especial em psicologia e medicina, mas também de outras áreas do conhecimento. Tal ensino é indispensável, e sua maior ou menor presença nos cursos de graduação contribuirá para uma formação básica de profissionais mais ou menos habilitados para uma apreensão do psíquico e para uma relação cuidador-cuidado mais ou menos humana.

O segundo nível ocorre nos cursos de especialização em psicoterapia analítica e nas residências médicas em psiquiatria ou de outras áreas de saúde. Embora se observe em alguns centros uma forte presença psicanalítica, a tendência atual enfatiza a influência biológica, cognitiva e comportamental. Esta é uma luta na qual os efetivos psicanalíticos necessitam ser reforçados, com a presença de pesquisas psicanalíticas e de psicanalistas nos programas de pós-graduação. A despeito das dificuldades de publicação ou dos critérios discutíveis e restritivos da CAPES, é possível e necessária tal presença, sob pena de empobrecer o pluralismo universitário e reduzir a capacidade de diálogo da psicanálise com outros saberes.

Por fim, no terceiro nível, a relação específica dos Institutos com a Universidade oferece, ao mesmo tempo, obstáculos e oportunidades. A obrigatoriedade da análise com didatas colide com a legislação e o espírito livre da universidade. A exigência de titulação acadêmica restringe o número de analistas que poderiam ser os docentes reconhecidos. Por outro lado, há as experiências internacionais já mencionadas e também a possibilidade de

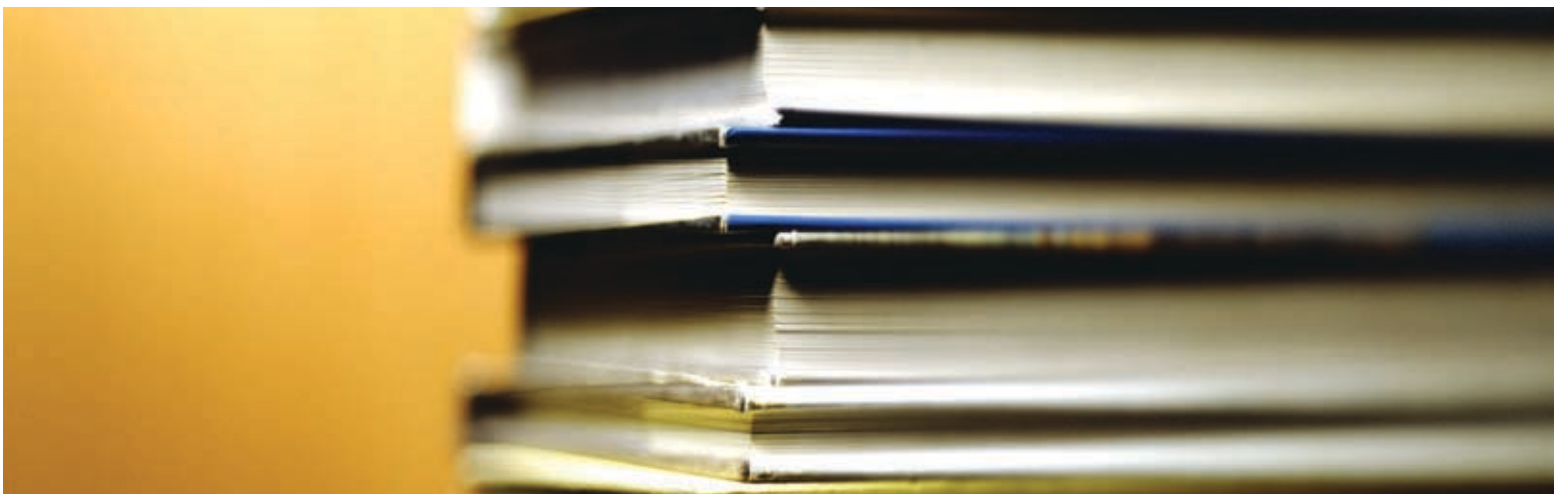
colaboração informal, ou de atividades conjuntas como já existem ou estão sendo propostas pelo Comitê de Psicanálise e Universidade da IPA.

E, por falar nisso, o que tem feito a IPA para enfrentar esta desafiadora questão? Em suas três últimas administrações, a IPA tem tomado medidas concretas, cujos resultados podem ser observados. Instituiu inicialmente um Comitê de Pesquisa e um Conselho Consultivo de Pesquisa, que tem financiado estudos relevantes, principalmente realizados nas universidades, em suas três regiões. O Comitê de Pesquisa foi depois subdividido em sub-comitês para contemplar os estudos empíricos e conceituais. A seguir, criou-se o Comitê de Psicanálise e Universidade, visando reunir os analistas com atividade universitária e estimular tal atividade. Mais recentemente, criou-se o Centro de Estudos Pós-graduados em Psicanálise, justamente para enfatizar a relevância de tais estudos e a efetiva presença analítica nos programas de pós-graduação.

Voltando ao terceiro nível mencionado, que relação se pode esperar dos Institutos com a Universidade?

Mesmo sem uma presença formal de Institutos nas Universidades, como é o caso brasileiro, seria desejável que aspectos de ambas estruturas fossem utilizados reciprocamente. Assim, os institutos podem beneficiar-se de programas de estudo mais amplos, pluralistas e criativos; a participação dos analistas em formação pode ser mais consistente e sistemática, a avaliação de professores e alunos mais enfatizada, e o progresso na carreira analítica estruturado com critérios amplamente conhecidos. Por seu turno, o caráter artesanal da formação analítica é um excelente modelo para o ensino universitário em seus vários níveis, e a relação professor-aluno e profissional-paciente pode beneficiar-se da aplicação da escuta analítica e da apreensão do psíquico.

Sem negar a complexidade e a fragmentação, os desencontros e as ambivalências, hoje, mais do que nunca, a universidade e a psicanálise necessitam-se mutuamente e nosso desafio é continuar trabalhando sem descanso para manter esse diálogo. ■





Psicanálise nos Centros de Formação e nas Universidades

Maria Olympia França
Membro Efetivo e Analista Didata da SBPSP

A captação do que seja a Psicanálise, *stricto sensu*, está inexoravelmente ligada ao pensar reflexivo sobre si mesmo, não se tratando de uma mera reflexão lógica- intelectual, mas sim daquela que abrange o ser vivente no todo de seu Ser. "Ninguém nasce humano. Torna-se humano" pela interação objetiva e subjetiva com a humanidade de um Outro igual a ele – encontro de dois corpos eróticos, nos quais suas próprias subjetividades encontram-se entranhadas.

Entendo que se queremos aprender pela experiência desse encontro de duas subjetividades, não há como evitarmos o problema da "base empírica". Para Jorge Ahumada, as múltiplas complexidades que a expressão "base empírica" abrange são suscetíveis a diversas abordagens. Na perspectiva desse autor, a situação psicanalítica é considerada como um campo privilegiado de observação, tanto para o analisando como para o analista, no que diz respeito a essa peculiar "base empírica" constituída pelos processos inconscientes.

E foi e é, então, na descoberta dessa lógica específica e singular dos processos inconscientes que se apoiaram e se apóiam as observações psicanalíticas, transformando-se as mesmas, em instrumentos tanto para as investigações dos processos do funcionamento mental, como para método de pesquisa da Cultura e da subjetividade individual e ainda, como modalidade metodológica das práticas clínicas em geral. Bernardo Tanis (2006), assinala que "assim sendo, qualquer ilusão de transparência, compreensão apenas intelectual ou completude narcísica como finalidade última do processo de análise ou da formação de um analista permanecem fora do campo de nossa disciplina e da nossa prática, assim como qualquer tentativa de apreensão do objeto psicanalítico, por vias exclusivamente racionais, seria impraticável"

Dessa concepção do que seja o método do Saber psicanalítico é que consideramos a análise pessoal, assim como a familiaridade com os fenômenos psíquicos adquiridos em supervisões individuais e grupais, como as condições necessárias e insubstituíveis para aquele que deseja vir a ser analista.

A marca do desamparo e do sofrimento encontra-se em todos nós, mesmo para aqueles mais privilegiados em suas histórias pessoais. Na experiência do encontro analítico de duas subjetividades é que iremos encontrar alívio para a dor, seja pelas transformações desses fundan-

tes de nossas subjetividades – sofrimento/desamparo –, seja pelo reconhecimento dos mesmos como um si mesmo, ou ainda pela aquisição de novos recursos no des-entramamento do processo de desenvolvimento mental.

Acreditamos que a experiência intersubjetiva só pode ser aprofundada pela qualidade única e "sui generis" de intimidade que se estabelece num espaço analítico.

E então, estaríamos com isso dizendo ser impossível fora do âmbito acima descrito, adquirir familiaridade com aqueles conceitos psicanalíticos já estabelecidos, como nas universidades por exemplo? De maneira alguma. Ainda que a transmissão apenas acadêmica da psicanálise não instrumentalize o estudioso a ter acesso direto à fonte dos meandros e das nuances afetivas do psiquismo, ela o levará a ter tanto conhecimentos que iluminarão de forma única outras áreas de saber, como o conhecimento, embora tosco, pessoal e social de si próprio, incrementando assim sua curiosidade sobre os abismos da individualidade. Para muitos, isto poderá ser o suficiente para seus desejos e necessidades. No entanto, o grande benefício do ensino da psicanálise nas universidades, para ela própria, está ligado à capacidade crítica, à capacidade de reflexão epistemológica, que os acadêmicos possuem e que são capazes de transmissão. Uma grande e necessária contribuição!

Estaremos adotando a convicção de que o espaço analítico é aquele mais propício para novas descobertas psicanalíticas se acreditarmos que a constituição da subjetividade não se submete a métodos ou teorias preestabelecidas. Para expandir-se ela necessita do Novo ou ainda da transgressão a aqueles, pois nesse olhar de si mesmo como transgressor é que o ser humano se constituirá como autor e fundante de si mesmo. De outro lado, no ensino acadêmico – com suas ideologias, teorias e sistemas pré-estabelecidos – pouco será o espaço para a transgressão, a não ser no espaço da contestação intelectual. Irá faltar parceria para prosseguir construindo de forma humana e consistente espaços originais de si mesmos, pois estes somente serão de fato encarnados, na subjetividade da atmosfera transcendente de si mesmo com seu semelhante, aquele único em suas diferenças e semelhanças. Esta é a ética do espaço-encontro analítico: tolerância às diferenças e procura das próprias originalidades. ■

Os Desafios da Psicanálise

Alexandre Kahtalian

Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

Certamente os desafios deste século não são simples para quem se dispõe a praticar a Psicanálise, transmitir a Psicanálise e submeter-se a um tratamento psicanalítico. Vivemos com Freud há mais de cem anos e já vai longe o tempo onde em 1933, em Berlim, seus livros foram queimados em praça pública pela cultura de intolerância do nazi-fascismo, que via nas suas idéias uma pregação subversiva ao Nacional-Socialismo alemão.

Está no linguajar popular: Freud não se discute, Freud explica! Fez uma revolução, um recorte epistemológico no séc. XX. O ano de 1968 marcou a ruptura em várias partes do mundo entre uma ordem repressora estabelecida e outra com padrões éticos, sociais, estéticos de mais liberdade e de criatividade, onde proibir tornara-se proibido. Depois da queda do Muro de Berlim, o enterro das utopias do Iluminismo.

Estamos atravessando um momento enraizado em mudanças da arquitetura social e dos fenômenos emergentes: sociedade do espetáculo, velocidade dos eventos e da comunicação, de obsolescência de tecnologias, de uma modernidade fluida, como diz Bauman. Leis de Mercado prevalecem indicando direções futuras para a sociedade. Adicione-se a isto a desconstrução da família tradicional, os novos arranjos na malha dos acasalamientos, assim como a Infoera, onde digitalizar-se é preciso. Assim contextualizados, apareceram novas teorias e alguns desafios

DESAFIOS

O paciente

Continua grave e com patologias de distúrbios esquizo-afetivos, distúrbios narcísicos, psicossomatoses, traumas e perversões, distúrbios alimentares. Mudou a demanda, ela mesmo é o motivo da procura analítica, o que chega não é mais o sintoma nem o sofrimento e sim a dor, uma necessidade maior de se aliviar do trauma, uma emergência psíquica. A procura mais das vezes é o sentimento de ser. De se reconhecer como possuidor de si mesmo. Patologias do vazio ou doenças da alma como quer Kristeva. Ser e não, parecer.

A procura é também por psicoterapia, mais das vezes pela escassez financeira e de tempo. A psicoterapia no lugar da análise ou a coexistência de ambas ?



O analista

Terá que conviver com os valores da empatia e não somente com os valores da verdade subjetiva, como efeito terapêutico das análises. Isto implica que o método psicanalítico deverá ser mais estudado, o que já vem ocorrendo: co-transferência, acting-out, falibilidade, auto-desvelamento. Investimento em si próprio em se conhecer pela investigação da relação analista-analisando, como ferramenta de trabalho.

Deverá haver o respeito pleno pelo pluralismo das correntes autorais, como prega J. Pablo Jimenez, como algo saudável para o movimento psicanalítico mundial. Precisamos ir além de Freud e o estudo de autores atuais. O nosso terreno comum (Wallerstein, 1989), que precisa ser mais desenvolvido, é o da intersubjetividade das teorias que dispomos.

Transmissão

Desafios da pletora de formação, um mercado imenso a ser enfrentado, particularmente pela profusão de cursos-formação, livros de auto-ajuda, extensão universitária, mercantilização. Ao lado disso, a demanda societária pela reformulação de seus modelos, os três modelos aprovados pela IPA.

Creio em uma agenda grandiosa para os próximos anos. ■

Relatório de Atividades

Balanço da Gestão Ano 2006

1. Eventos Científicos

- Conferência Internacional de Psicanálise (CAPSA). Parceria com as 4 Sociedades do Rio de Janeiro (novembro 2006)
- Preparação do XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise – Porto Alegre/RS (maio 2007)
- Preparação do II Congresso Luso-Brasileiro de Psicanálise, em Salvador. Ampliação do evento com a inclusão de outros países de língua portuguesa. (15 a 17 de novembro de 2007)

2. Realizações

- Fundação do Centro de Estudo de Psicanálise de Salvador em setembro de 2006, durante a II Jornada de Psicanálise de Salvador. Está sob a coordenação da dra. Maria Cristina Gondim, membro da SBPSP.
- Modificações estéticas e de conteúdo do ABP Notícias.
- Criação do ABP Eletrônico, o que possibilitou uma aproximação direta com os membros da ABP e ABC.
- I Jornada de Psicanálise com o Instituto Brasileiro do Direito de Família (IBDFAM), em Araçatuba no dia 21 de outubro de 2006. Foi a 1ª atividade depois da parceria firmada entre as duas Instituições (ABP/IBDFAM), durante o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise em Brasília, em 2005. Haverá uma Mesa com o IBDFAM no XXI Congresso Brasileiro.

3. Reuniões

- Reativação do Conselho de Presidentes da ABP, com uma reunião em 17 de junho, no Rio de Janeiro, que contou com a presença do dr. Juan Pablo, então candidato à Presidência da FEPAL.
- Criação da reunião de Diretores de Instituto em 19 de agosto, em Porto Alegre.

- Foram feitas duas reuniões com presidentes brasileiros; a primeira em Montevideo, dia 29 de abril, antes do Conselho de Presidentes da FEPAL, e a segunda em Lima, antes da Assembleia de Delegados da FEPAL, sendo que nesta reunião, juntamente com a APU, foi criada a "Moção de Lima".

4. Contratações

- Contratação do advogado dr. Carlos Zanini, para fazer um estudo jurídico a respeito da regulamentação (regulação) da Psicanálise
- Contratação da empresa Representações Wolff Ltda. que fez um censo sobre o "Perfil do Psicanalista Brasileiro"
- Contratação da empresa Interface Designers Ltda, para cuidar do Layout, Diagramação e Imagem do ABPNotícias e do ABPEletrônico.

5. Apoio a Jornadas

- **Março:** Jornada da SBPRP

- **Maio:** I Congresso Luso-Brasileiro de Psicanálise – Lisboa

• Setembro:

- Jornada Adolescente FEPAL – RJ
- Jornada do Núcleo de Aracaju
- II Jornada de Psicanálise de Salvador
- V Jornada de Psicanálise de Campo Grande-MS
- Participação em Mesa no Congresso Brasileiro de Psicologia, em São Paulo-SP

• Outubro:

- I Jornada de Psicanálise de Direito de Família- Araçatuba-SP
- Participação em Mesa no Congresso Brasileiro de Psiquiatria em Curitiba-PR

- **Novembro:** Jornada de Psicanálise de Vitória

- **Dezembro:** Jornada do Núcleo de Belo Horizonte

6. Reuniões Estatutárias

- **18 de março:** Conselho Científico (Porto Alegre)
- **19 de maio:** Assembléia de Delegados (São Paulo)
- **23 de setembro:** Conselho Profissional (Campo Grande/MS)
- 9 reuniões do Conselho Diretor
- 8 reuniões preparatórias para o XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise (Porto Alegre)

7. Diversos

- Pequena reforma na sede da ABP: pintura, troca de piso e conserto do banheiro.
- Doação de R\$10.000,00 (dez mil reais) para a Revista Brasileira de Psicanálise, que está em dificuldades financeiras (setembro/2006).

Balanço da Gestão Ano 2007

1. Eventos Científicos

- XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Porto Alegre, de 9 a 12 de maio de 2007, com 1222 participantes
- O II Congresso Luso-Brasileiro e o I Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa, com 375 participantes

2. Realizações

- Gestões para implantação de um núcleo de psicanálise em Cuiabá
- O ABP Eletrônico já ultrapassou a 50ª edição

3. Reuniões

- Reunião com os presidentes brasileiros no dia 13/abril, antes do Encontro de Presidentes da FEPAL
- Assembléia de Delegados da FEPAL, durante o Congresso da IPA, em Berlim

4. Apoio e participação em Jornadas e Congressos

- **Março:** Jornada da COWAP
- **Setembro:** X Jornada de Psicanálise do Recife
- **Outubro:** Jornada de Aracaju
 - Participação em Mesa Redonda no Congresso Brasileiro de Psiquiatria- POA/RS
 - III Jornada do Núcleo Psicanalítico de Vitória

5. Reuniões Estatutárias

- **Março:** Reunião de Diretores de Instituto (SP)
- **Abril:** Reunião do Conselho Científico (Pelotas) com evento científico
- **Maio:** Assembléia de Delegados, durante o XXI Congresso Brasileiro (POA)
- **Junho:** Reunião do Conselho de Presidentes (RJ)
- **Agosto:** Reunião do Conselho Profissional (BH), com evento científico
- **Novembro:** Assembléia de Delegados (Salvador-BA), durante o II Congresso Luso-Brasileiro; Jornada de Psicanálise de Maceió.

6. Diversos

- Reuniões preparatórias para o XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise e II Luso-Brasileiro
- Inauguração do quadro dos ex-presidentes, na sede da ABP, em 29 de junho

Pedro Gomes
Presidente



Presidente da APA visitou SPPA

No dia 6 de julho, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) recebeu a visita do dr. Norberto Marucco, presidente da Associação Psicanalítica Argentina (APA) para debater seu trabalho "Entre el recuerdo y el destino: la repetición", posteriormente apresentado no Congresso da IPA, em Berlim.

A SPPA e a Casa do Psicólogo editaram "Psicanálise e Cultura: homenagem aos 150 anos de Sigmund Freud". Reunindo trabalhos apresentados nas comemorações do sesquicentenário de Freud (2006) e artigos escritos por convidados, o livro foi lançado durante o XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise em atividade realizada na Livraria Cultura de Porto Alegre, no dia 11 de julho.

No Ciclo Cinema, Família e Psicanálise, entre julho e dezembro foram projetados e debatidos os filmes: Volver, Filhos do Paraíso, Abril Despedaçado, Pequena Miss Sunshine, Beleza Americana e O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias. As atividades ocorreram na Casa de Cultura Mário Quintana.

Nos dias 10 e 11 de agosto, o dr. Paul Denis, psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Paris, esteve na SPPA para debater seu trabalho "A pulsão de dominação" e supervisionar casos clínicos.

No dia 15 de agosto, a SPPA, a Federação Israelita do RS e as entidades Wizo e Na'amat Pioneiras, promoveram, no Auditório da Federação Israelita, a projeção e debate do filme "Our Children", realizado em 1946, e que aborda as vivências de crianças sobreviventes da II Guerra Mundial.

No dia 23 de agosto, a SPPA realizou atividade de homenagem ao centenário de nascimento do psicanalista Cyro Martins, um dos pioneiros da psicanálise em Porto Alegre.

"As origens do inconsciente em Bion" foi o tema da conferência proferida pelo dr. Arnaldo Chuster, psicanalista da Associação Psicanalítica do Rio de Janeiro (Rio-4), que esteve na SPPA nos dias 24 e 25 de agosto.

O IX Simpósio de Psicanálise da Infância e da Adolescência da SPPA e o II Encontro SPPA/APdeBA de Psicanálise da Infância e Adolescência, realizados entre os dias 27 e 29 de setembro, reuniram colegas de Porto Alegre e da Argentina, que debateram o tema "Parentalidade e suas implicações no processo psicanalítico".

Nos dias 13 e 17 de outubro e 06 e 11 de novembro, a SPPA e a 6ª Bienal de Artes do Mercosul promoveram o ciclo "Encontros da Psicanálise com a Arte: Conversando na terceira margem do rio", com debates sobre obras de arte que fizeram parte da exposição.

Na edição 2009 da Feira do Livro de Porto Alegre, a SPPA participou com as seguintes atividades:

- No dia 27 de outubro, foi realizada uma sessão comentada sobre o filme "A hora da estrela" e um sarau homenageando a escritora Clarice Lispector;
- No dia 9 de novembro, durante o X Ciclo da Revista de Psicanálise da SPPA na Feira do Livro foi realizado o sarau sobre Dionélio Machado. No dia 10 de novembro foi organizada uma mesa-redonda com o tema "Tíntim: sonhos de uma vida em um herói mítico".
- No dia 11 de novembro, a SPPA participou, junto com outras entidades, de uma sessão comentada do filme "Pequena Miss Sunshine".

Luís Paulo Vasconcelos, diretor de teatro de Porto Alegre, dirigiu a adaptação dramática da novela "O animal agonizante de Philip Roth". A atividade, aberta ao público, ocorreu na sede da SPPA, no dia 29 de novembro.

SBPdePA realiza o encerramento da atividade anual

A comissão Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) realizou no dia 28 de novembro o encerramento da atividade anual com "A Brasileira na Cultura", em uma discussão do filme "Cidade dos Homens".

Nos dias 22, 23 e 24 de novembro, a SBPdePA promoveu Jornada Científica comemorativa aos seus 15 anos de fundação. O tema central foi "As experiências arcaicas e suas linguagens".

VI Encontro de Psicanálise do NPCR

O Núcleo de Psicanálise de Campina e Região (NPCR) realizará nos dias 30 e 31 de maio de 2008, a 6ª Edição do tradicional Encontro de Psicanálise do NPCR. O tema será "Na sala de análise".

SPR promove curso

O Departamento de Criança e Adolescente da Sociedade Psicanalítica de Recife (SPR) está promovendo o curso "A Clínica de Criança na Perspectiva de Winnicott", que vem sendo ministrado desde o dia 18 de outubro e se estende até 2008.

A Biblioteca Lúcia Lins, que será aberta à comunidade na categoria de sócio-cadastrado com normas determinadas para consulta, está aceitando doações de livros e revistas.

A diretoria da SPR considerou bem sucedida a XII Jornada de Psicanálise e o VIII Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente, ocorrido em setembro. Estiveram presentes profissionais das mais diversas áreas, com a finalidade de promover o debate sobre a inserção do homem no mundo contemporâneo. Na oportunidade realizaram-se reuniões com os núcleos patrocinados e a Diretoria, com a participação do dr. Pedro Gomes e dr. Cláudio Rossi. Houve também a reunião da ABC com a presença do dr. Carlos Felipe Heide.

Atividades Científicas da SPR

- Reuniões mensais às quartas-feiras para debate sobre os Métodos Psicanalíticos, com a proposta de visitar os mestres da Psicanálise.
- No Psicanálise e Cinema, há mensalmente exibição de filmes. Entre os participantes estão psicanalistas da SPR e cineastas convidados.
- O Espaço S. Freud continua com as suas atividades às terças e quintas-feiras, na sede da SPR.

NPM promove a 8ª Jornada de Psicanálise

Nos dias 30/11 e 1/12 foi realizada a 8ª Jornada de Psicanálise do Núcleo Psicanalítico de Maceió (NPM).

No dia 27 de outubro, o Núcleo promoveu o ciclo Cinema e Psicanálise, no Sebrae, com a exibição do filme "Babel".

ABP promove II Congresso Luso-Brasileiro de Psicanálise

Na psicanálise, tem pacientes que ficam anos e anos na relação terapêutica e, hoje, muitos perguntam se este fato não cria uma relação de dependência. Por que os analisados não querem deixar o espaço "da cura"? Os que trabalham a subjetividade afirmam que, no mundo de hoje, o espaço da relação terapêutica é o único local do sonhar, da produção, do encontro consigo mesmo. Esse foi um dos temas do II Congresso Luso-Brasileiro de Psicanálise - O significado da cura hoje - promovido pela Associação Brasileira de Psicanálise (ABP) em parceria com a Sociedade Portuguesa de Psicanálise, que aconteceu entre os dias 15 a 17 de novembro, em Salvador. Paralelamente, ocorreu o I Encontro Psicanalítico de Países de Língua Portuguesa. O tema principal do Congresso foi "Psicanálise e Processos de Mudança - Indivíduo, Sociedade e Cultura". Dele participaram, além de representantes de Portugal, todas as sociedades e núcleos psicanalíticos brasileiros filiados à ABP.

Outros temas estiveram em discussão como, por exemplo, as contribuições teóricas e os obstáculos na clínica com pacientes de difícil acesso, aqueles que ficam em silêncio, desligados ou que têm dificuldade de elaborar seu pensamento; a relação com a religião e o misticismo; o tratamento de crianças e adolescentes, entre outros.

SPRJ comemora os 90 anos de Maria Manhães

No dia 06 de outubro, Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), comemorou os 90 anos da dra. Maria Manhães, com muitas homenagens e depoimentos sobre a brilhante carreira da médica e psicanalista. No decorrer de 50 anos de carreira, relatado em sua biografia, ela participou de mudanças na história da puericultura brasileira dos anos 50 e na história da psicanálise a partir dos anos 60. À sua extensa produção literária, acrescenta-se agora o lançamento de seu novo livro "Fator Visual e Cinema".

Atividades da Sociedade:

- No dia 4 de agosto foi realizada a palestra: "Homens e mulheres, o que somos e o que queremos no dia de hoje?"
- No dia 11 de agosto foi realizada a jornada "Ecos do Congresso", que contou com várias palestras
- Nos dias 18 e 24 de agosto, 15 de outubro, 12 de novembro e 10 de dezembro foi realizado o Curso- "Novas Perspectivas em Psicanálise", coordenado pela dra. Márcia Câmara
- No dia 25 de agosto, o Espaço Winnicott apresentou no auditório da SPRJ, o evento "Winnicott" na História da Psicanálise".
- No dia 29 de setembro foi realizada a jornada "Transtornos Alimentares"

SBPRJ realizou o Fórum "Rio, que cidade é essa?"

Violência, criatividade, marginalidade, medo, entre outros fatos e sentimentos foram discutidos no dia 26 de outubro, durante o Fórum de Ciência e Cultura "Rio, que cidade é essa?", promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), através do Propis e a UFRJ, com o apoio da ABP. Entre os participantes estavam o psicanalista Marcelo Viñar, do Comitê de Exclusão Social da Associação Psicanalítica Internacional, a cineasta Lúcia Murat, o historiador Joel Rufino e Gutti Fraga, do grupo Nós do Morro. Durante o evento também houve mostras de fotografia como "Olhares da Favela", do Observatório de Favelas, "Aventura do Olhar", do projeto Labi-Lata, e apresentação da Escola de Música da Associação do Movimento de Compositores da Baixada Fluminense.

Grupo sobre envelhecimento

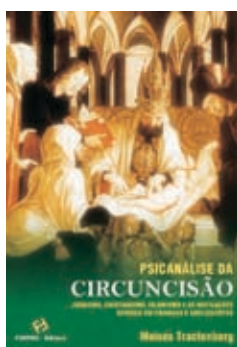
Um dos desafios da prática psicanalítica na atualidade é a demanda de idosos que procuram tratamento, consequência da longevidade humana propiciada pelos avanços da ciência médica e melhoria das condições de vida da população. A experiência psicológica do envelhecer, embora de interesse de vários autores, é um campo novo na Psicanálise e merece aprofundamento. É esta a proposta de um grupo de psicanalistas da SBPRJ, coordenado por Cristina Amendoeira, juntamente com Miriam Fainguelernt, que reúne-se regularmente nos últimos anos, com a participação de Marialzira Perestrello, Maria Helena Cravo Guimarães, Maria Regina Newlands Trotto, dentre novos membros.

Nos dias 9 e 10 de novembro foi realizado o Encontro Bion. Este evento é preparatório para o Congresso Internacional de Bion, que será realizado em Roma, no ano de 2008.

No dia 23 de novembro foi exibido o filme argentino "Kamchatka", do diretor Marcelo Piñeyro, indicado ao Oscar. Após o filme, foi realizado um debate aberto ao público, com a presença da debatedora convidada Virgínia Fontes, professora de História, da UFF.

No segundo semestre de 2007 foram lançados dois números da Revista TRIEB, cujo tema foi Psicanálise e Literatura. O tema do próximo número será "Psicanálise Agora". O prazo para envio de trabalhos é até 02 de janeiro de 2008. Informações: revistatrieb@sbprj.org.br, ou através do site www.sbprj.org.br

Todas as segundas 6° feiras do mês, às 17 h, foram realizados encontros de amigos da literatura na SBPRJ, aberto ao público externo.



Lançamento de livro

No dia 9 de outubro, foi promovido o lançamento do livro "Psicanálise e Circuncisão", do dr. Moisés Tractenberg. O evento foi realizado na livraria ParaLer Mega Store, no Ribeirão Shopping.

Atividades da APRI03

Em julho, membros da Associação Psicanalítica Rio 3 (APRI03) participaram do curso promovido pela ABP em parceria com a Associação Brasileira de Psiquiatria.

Em agosto, a APRI03 foi representada pela candidata Patrícia Mussoi, como apresentadora de material clínico, e Cláudio Cais de Oliveira, como supervisor, no evento: "Supervisões Cruzadas", em conjunto com as demais sociedades do Rio de Janeiro.

No dia 13 de setembro, a APRI03 realizou uma reunião científica em torno da drogadição, com a participação do dr. Marcelo Cruz que, há muito, vem trabalhando com pacientes toxicômanos.

No dia 25 de outubro, dando continuidade ao diálogo iniciado pelo dr. Waldemar Zusman e dr. José Alberto sobre as "Considerações Preliminares Sobre o Isolamento Afetivo e o Ego Social na modernidade", a dra. Vera Antunes teceu comentários sobre os pacientes que trazem consigo a evolução tecnológica dos tempos atuais, colocando em pauta algumas cogitações para a compreensão da psicogênese destes fenômenos.

SBPSP e FEPAL realizam em 2008 o I Simpósio Latino-americano de Comunidade e Cultura

Nos dias 11 e 12 de abril de 2008 a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) realizará, em parceria com a FEPAL, o I Simpósio Latino-americano de Comunidade e Cultura, cujo tema será "A Psicanálise nas tramas da cidade". Participarão das plenárias "Cidade e subjetividade" e "Psicanálise na comunidade: modelos clínicos e conceituais", analistas convidados e representantes das três sub-regiões da FEPAL: Mariam Alizade (Argentina), Jorge Bruce (Peru) e Juan Vives Rocabert (México). Trabalhos relacionados com a proposta temática do Simpósio serão aceitos até o dia 11 de janeiro 2008 e deverão ser encaminhados para o e-mail: fabiana@sbpsp.org.br

Atividades da SBPRP

Nos dias 5, 6, 7 e 8 de junho de 2008, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) realizará o Primeiro Encontro de Comunidade e Cultura.

No dia 22 de Setembro de 2007, a SBPRP junto com o Departamento de Psiquiatria do Centro Médico de Ribeirão Preto, promoveram o encontro "As Ciências do Sonho: um diálogo entre Neurociências e Psicanálise".

No dia 29 de Setembro de 2007, a SBPRP participou do I Encontro das Sociedades de Psicanálise de São Paulo, Ribeirão Preto e Brasília, realizado na sede da SBPSP.

Nos dias 19 e 20 de outubro, a SBPRP recebeu o italiano Franco Borgogno no evento científico "Um percurso com dr. Franco Borgogno".

ABP tem novo diretoria

A Assembléia de Delegados, recentemente reunida em Salvador durante o II Encontro Luso Brasileiro de Psicanálise, elegeu no último dia 18 de novembro para dirigir a ABP no próximo biênio os seguintes nomes:

Presidente: Claudio Rossi - SBPSP

Secretário: Sergio Eduardo Nick - SBPRJ

Tesoureiro: José Cesário Francisco Jr. - SBPRP/SBPSP

Conselho Científico: Leila Tannous Guimarães - SPMS/SPRJ

Conselho Profissional: Jair Rodrigues Escobar-SPPA

Publicações e Divulgação: Ana Rosa Chait Trachtenberg - SBPdePA

Relações Exteriores: Cintia Xavier de Albuquerque - SPB

ILAP promove I Escola de Psicanálise

Nos dias 24 a 28 de outubro, o Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis (ILAP) realizou sua Primeira Escola de Psicanálise, na cidade do Panamá. O evento contou com a presença do presidente da IPA, Cláudio Eizirik, o presidente da Fepal, Juan Pablo Jimenez, o diretor do Instituto do Leste Europeu (PIEE), Paolo Fonda, o chair do Comitê de Centros Aliados da IPA, David Sacks, o dr. Roberto Losso da APA e todo o Conselho do ILAP.

A Escola do Panamá excedeu as expectativas e reuniu um grande número de participantes interessados em psicanálise e formação psicanalítica. Com atividades desenvolvidas, na Universidade Santa Maria La Antigua e no hotel do Evento a Escola, através de uma intensiva programação, mobilizou estudantes e profissionais, que lotaram os auditórios e confirmaram a vitalidade da psicanálise e seu poder de entusiasmar os que dela se acercam.

No Panamá a IPA passou a ocupar oficialmente o espaço já conquistado pelo ILAP neste e em outros países como Honduras, Bolívia e Equador. Com o apoio do Brasil e de todos os países da América Latina nos quais a IPA já se faz presente, novos espaços poderão ser ocupados pelo ILAP.

Telma Barros Cavalcanti

O NPC investe em atividades internas e externas

O Núcleo Psicanalítico de Curitiba (NPC) deu continuidade e aprimorou suas atividades internas e externas com eventos voltados à comunidade, como os Encontros de Psicanálise e Cultura e as Conversas com um Psicanalista.

O Programa de Estudos de Temas Básicos em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (PETBPOP) continua funcionando com a participação de expressivo número de profissionais da área.

O NPC participou em agosto do I Encontro de Núcleos, realizado em Belo Horizonte, sob iniciativa do NPBH e o apoio da ABP, que abre a perspectiva de se investigar possibilidades contemporâneas de evolução institucional das instituições psicanalíticas.

Neste ano, o NPC estreitou laços com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Cyro Martins

Psicanálise e arte



Isaac Pechansky
Membro Efetivo e Analista Didata da SPPA

Psicanalítica de Porto Alegre, e da Brasileira de Psicanálise foram dedicados à sua memória. Críticos literários, escritores, ensaístas, doutores em letras, psiquiatras e psicanalistas já se manifestaram sobre sua obra literária e científica, tanto em jornais como em órgãos de divulgação cultural e científica.

Dotado de grande sensibilidade, bem poderia ter enveredado por qualquer um dos caminhos da atividade criadora. Mas, por um desses mistérios ainda não bem explicados, o rumo que escolheu foi o da criação literária, ou seja, o caminho da palavra como forma de expressão. Escolheu, não como resultado de uma vontade consciente exclusiva, mas por uma determinação interior, um dom, que desafia a argúcia de tantos que buscaram, e ainda buscam, uma explicação para esse fenômeno quase que mágico da natureza humana.

Ato Criador

Filósofos, cientistas, psicólogos, escritores, poetas e pensadores de todas as épocas se dedicaram a vasculhar as origens dessa enigmática forma de o homem se expressar. Freud, ele próprio, sempre voltado para o estudo dos fenômenos mentais, tentou também encontrar no inconsciente a fonte geradora da manifestação artística, sem contudo poder compreender a sua essência. Mas ele foi além, quando através da obra artística tentou decifrar as profundezas inconscientes do artista criador. Leonardo da Vinci e Michelangelo são os dois exemplos mais significativos da sua produção científica. Muitas tentativas foram igualmente feitas por expressivos seguidores de Freud no sentido de explicar o ato criador, tanto no que diz respeito à sua origem como ao seu objetivo.

Cyro Martins, desde cedo, foi invadido por essa necessidade de escrever, impulsionado por esse desejo de criar, de dar forma exterior à sua imaginação interior. Passou a viver, então, aqueles momentos inquietantes que só se tranquilizam, mas não se esgotam, quando se consegue traduzir em palavras todo o mistério da sua criatividade. Da mesma maneira o compositor necessita se expressar pela união dos sons que lhe brotam de dentro; o pintor se inquieta diante de uma tela branca a exigir formas e cores, e o escultor se sente estimulado no embate contra a resistência da pedra fria, dura e disforme. O artista precisa dar soluções, e ele soluciona de forma direta, primária, sob o impulso de necessidades interiores, sem as exigências de uma elaboração posterior, trabalhosa, embora às vezes necessária. Este é um privilégio que nem todos possuem: o criar artístico avança para além dos limites da criatividade comum das pessoas, ocupando um espaço insondável e misterioso.

Quem teve a oportunidade de conviver com Cyro Martins constata naturalmente que se tratava de um homem singular. Afável, comunicativo e de fala mansa, sempre pronto para uma gargalhada, sabia cativar o interlocutor sem usar artifícios. Levantava a voz apenas para discursar, mas sempre com aquele meio sorriso que lhe era tão peculiar. Viajamos juntos por 45 dias, um grupo de quatro casais, naquela primeira viagem à Europa. O grande momento seria o Congresso Psicanalítico Internacional realizado em Viena, em julho de 1971. Anna Freud compareceu ao Congresso: voltava à Viena pela primeira vez, após a expulsão de sua família pelos nazistas em 1938. Cyro, mais do que qualquer um de nós, aguardava esse momento com uma grande expectativa, pois afinal ele havia sido um dos fundadores de nossa Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Para nós, seus acompanhantes, restava a grande emoção de conhecer de perto o local de nascimento da Psicanálise.

Eu conhecia Cyro, mas não havia convivido com ele assim, com um contato diário, como uma viagem dessas proporciona. Atento, olhos abertos aos detalhes da História do Velho Mundo, percorrendo as capitais mais importantes da Europa, ele se mostrava sempre disposto a andar um pouco mais. Ia registrando, ao seu estilo, as impressões que aqueles lugares lhe causavam, revelando a cada instante o homem sensível que era.

Muito se escreveu, e ainda se escreve, sobre Cyro Martins. Tanto é verdade que três números da Revista de Psicanálise da Sociedade

“Eu aqui arriscaria dizer que ele fala de si próprio, presumo que sem essa intenção, mas expressando toda a investida da psicanálise pelos mundos próprios de qualquer indivíduo, seja ele artista ou não.”

E Cyro se inscreve na categoria desses poucos privilegiados, mostrando possuir esse impulso criador de forma mais aguda. Mas, pode-se imaginar, ele foi surpreendido também por uma outra inquietação: precisava ser médico, como precisou ser psiquiatra e, naturalmente, psicanalista. Não lhe bastava conviver apenas com personagens produzidos pela sua imaginação, ou mesmo colhidos da realidade em que vivia: era preciso também conviver com pacientes, acionado agora por uma outra necessidade, a de curar. É do conhecimento de todos que personagens e pacientes foram uma constante preocupação na sua vida. O que se impôs primeiro não sabemos, mas é bem possível que tenham sido gerados pela mesma fonte, pois, como é sabido, tantas vezes personagens e pacientes se confundem nos seus dramas.

Psicanalista - escritor

Com o passar dos anos o escritor-artista e o psicanalista-escritor vão se dando a conhecer. A necessidade de escrever se revela tanto na produção literária quanto na científica, num verdadeiro intercâmbio criativo, onde sempre sobressai a busca do conhecimento do homem, essência da atividade de Cyro. Se por um lado é verdade que o psicanalista poderia se valer dos seus conhecimentos para melhor descrever o caráter de seus personagens, é preciso que se diga que jamais ele se utilizou de termos do jargão psicanalítico para tal fim. Possuía recursos suficientes para dispensar o uso de termos técnicos, tão frios e empobrecedores quando fora do contexto científico. O domínio seguro da palavra era sua marca registrada.

Sempre às voltas com o processo da criação em qualquer das áreas de uma atividade tão diversificada, e pela própria força do ofício, também ele enveredou pelos caminhos do inconsciente na tentativa de especular sobre a criação artística. Surgiu assim seu expressivo trabalho “Psicanálise e Criatividade”, publicado na Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (vol. III, nº1, abril 1996). Retiro dele alguns trechos, por si sós reveladores da confluência indissolúvel que emana da sua capacidade de escrever de forma clara e acessível e da convivência com os caminhos do inconsciente.

Diz Cyro, lá pelas tantas: “Até onde conceitos diretivos — construções teóricas, sem dúvida — ajudarão na pesquisa da motivação inconsciente da criação artística? Como marcos teóricos referenciais, auxiliarão na investigação de fantasias básicas, que agiram subjacentemente no sentido criador, influenciando a atividade sensório-motora no campo específico de cada artista.”

Mais adiante: “Nessas investidas pelos mundos próprios do artista, a psicanálise sempre se valeu da forma e do conteúdo da obra, da bio-

grafia do autor e, como bússola indispensável, de seu próprio esquema conceitual.” — Eu aqui arriscaria dizer que ele fala de si próprio, presumo que sem essa intenção, mas expressando toda a investida da psicanálise pelos mundos próprios de qualquer indivíduo, seja ele artista ou não.

Uma questão sem dúvida importante, e sobretudo polêmica, diz respeito à criação artística e à terapia psicanalítica. A afirmação de que o tratamento psicológico possa interferir na criação artística, de modo a inibir a potencialidade do artista é, acima de tudo, preconceituosa e não encontra respaldo na experiência de qualquer terapeuta que se dedique à investigação dos processos mentais inconscientes. Dizer-se que sem angústia não existe ato criador é uma falácia, quando se sabe que sem angústia não há possibilidade de crescimento e de maturação de qualquer ser humano.

Mais uma vez, vou recorrer ao escritor-artista e psicanalista Cyro Martins para que me dê cobertura nessa questão controversa, tão a gosto de muitos artistas. Diz ele no mesmo trabalho a que me referi antes: “Na operação intelectual criadora, sob a provocação dos motivos imediatos mais aparentes, recria-se num enlevo de cisma, sublima-se, conjurando o passado oculto em áreas menos racionais do psiquismo, com propósitos que reúnem o desejo de restaurar e a necessidade de gratificação da libido. Essa, a razão de ser a experiência criadora um ato unificador por excelência, uma tentativa de integração dos objetos introjetados.” — E eu acrescento: conflitos mal resolvidos, aliados a uma angústia excessiva, encontram aí terreno fértil para exercerem sua ação deletéria sobre o processo criador, quer seja o produto dele artístico ou não.

O assunto, obviamente, não se esgota aqui, mesmo porque envolve questões especulativas que nos remetem a áreas do conhecimento humano que transitam do racional ao irracional, indo da verdade científica ao mito da criação do homem. O gênio criador ainda se constitui num desafio que nem o próprio gênio consegue decifrar.

Vale dizer agora que Cyro Martins carregou dentro de si, num ato verdadeiramente unificador, tendências criadoras e restauradoras que lhe conferiram uma personalidade a um só tempo jovial, simples e imaginativa.

Ao finalizar, lembro uma frase criada pela sua capacidade inventiva, ao iniciar um discurso que proferiu por ocasião de uma das tantas homenagens de que foi alvo, provavelmente num aniversário seu. Disse então: “É difícil resistir à tentação de um lugar comum.” E por aí foi, cheio daquele humor fácil e contagiante. Ele tinha razão, por isso não resisto e digo: foi um prazer ter conhecido Cyro Martins. ■



Tropa de Elite e Elite da Tropa

Luiz Eduardo Soares

Secretário de Valorização da Vida e Prevenção da Violência do Município de Nova Iguaçu – RJ – e professor da ESPM e da UERJ

E escrever um livro e realizar um filme do ponto de vista de um policial não é incomum, em outros países. Entretanto, no Brasil, aconteceu pela primeira vez. O resultado foi um misto de perplexidade, abjeção e encantamento. Claro que houve todo tipo de reação ao livro e ao filme, como é natural – a este em uma escala extraordinária. Cada produto cultural é apropriado e interpretado segundo códigos valorativos e de acordo com dinâmicas sociais micro-políticas as mais diversas. Por isso, a pluralidade de significados atribuídos ao livro e ao filme por leitores, espectadores e críticos, militantes, gestores e policiais, corresponde antes à multiplicidade babélica da sociedade brasileira do que à polissemia das obras.

Tudo isso é elementar e previsível. O que talvez mereça destaque e alguma reflexão mais atenta é a tendência narcisista, especular, defensiva e taxonômica, ordenadora e controladora, que acabou predominando, nesse exercício coletivo da hermenêutica. Pouco, quase nada restou para as obras em pauta. Pouquíssimo se disse a respeito delas, como objetos estéticos, estruturas narrativas, construções formais. Apesar de ambas apresentarem-se como ficções, raramente foram analisadas enquanto literatura e arte cinematográfica. A pregnância da referência, a falácia da verossimilhança, os ardis da representação foram consumidos e reproduzidos, acriticamente, em uma espécie de festival naif da inteligência exegética nacional. Em passant, uns e outros brindaram os autores, em jornais e revistas, sites e entrevistas, com alusões generosas mas superficiais e fora de tom, quase impertinentes: “livro muito bem escrito”; “filme muito bem feito”. O que seria isso? Como isso se deixaria perceber? Por que poder-se-ia dizê-lo? Quais os critérios e métodos de aferição estética? Quais as séries literárias e cinematográficas em que se inscreveriam as obras e com que marcas distintivas, que singularidades, que contribuições, que reconfigurações das respectivas constelações sintáticas, semânticas, semiológicas, imagísticas, performáticas? Qual contribuição cada obra terá prestado para o enriquecimento do repertório da sensibilidade estética? E --agora sim--, a partir daí, apreendidas as cosmologias internas das obras e suas respectivas tessituras sintáticas, as linguagens e suas dicções, quais conexões de sentido e que mobilizações de percepção poderiam ser explorados, no âmbito de nosso momento histórico-político? Existindo enquanto tais, tendo merecido alguma atenção minimamente respeitosa, tendo sido observadas como os produtos culturais que desejaram ser, justificar-se-ia indagar como as obras (filme e livro) interpelariam nosso tempo e nossas posturas, as instituições policiais e sua degradação, a brutalidade selvagem, o êxtase que suscita, a repulsa que provoca, a rejeição que exige.

Não, não foi assim, não tem sido assim, salvo raras e honrosas exceções. Ao contrário, antes de situarem-se ante as obras que os interpelavam como construções discursivas – em cujo horizonte a problemática da representação era processada, desafiada, estendida, experimentada, examinada, revolvada, desconstruída –, a maioria dos críticos culturais e “formadores de opinião” apresaram-se a: (1) classificar as obras, segundo categorias político-ideológicas ou morais. (2) Operação pela qual e em cujo cumprimento, o autor da crítica falava mais de si do que da obra; mais das virtudes de suas crenças e de seus valores,

do que do objeto que lhe suscitara tantas reações; mais das reações do que de sua fonte externa. (3) Classificar é uma forma de ordenar o mundo, que parecia ameaçado pelas obras em pauta. Mas não qualquer mundo. (4) Tratava-se do mundo de quem classificava o que lia e via. Este é que parecia sob risco de ruir, na iminência de um colapso. Portanto, nesse caso, o esforço de organizar o caos potencial implicava exorcizar o caos internalizado, para limpar-se, proteger-se, diferenciar-se desse outro assustador. O caos, como o inferno, é o outro, são os outros. Ocorre que, ante a natureza especular e narcísica desse freqüentar a obra sem abrir-se às suas peculiaridades internas, à sua identidade; ou, para dizê-lo de outro modo: ante a natureza eminentemente especular desse olhar o livro e o filme (olhar que nada vê nesses outros, nessas obras, além do espelho de suas próprias reações), o titânico empreendimento taxonômico toma como objeto o próprio sujeito que lê e olha, sem ver. Eis porque esse ordenamento do mundo corresponde a um auto-ordenamento. E a sensação de insegurança, caos, desordem, tem como referente o mundo interno de quem classifica e julga. (5) Impõe-se, aqui, a interrogação: por que terá tido tanto poder desestabilizador, subversivo, desorganizador, a voz desse protagonista policial, tanto no livro quanto no filme – voz atravessada por angústias e ambivalências, contradições, agressividade e insegurança, culpas e hesitações, sob a aparência de distanciamento irônico e auto-suficiente?

Eis um ensaio de resposta: essa voz e esse personagem, no livro e no filme, não são facilmente compreensíveis. Assustam e fascinam. Sofrem e se rejubilam com os excessos. Soam edificantes e morais, permitindo-se, todavia e paradoxalmente, aberrações repugnantes e primitivas. Mas tudo o que fazem e dizem é desconstruído pela forma e pelo jogo do conteúdo (separação inadequada, que apenas serve ao propósito de resumir), em dimensões complementares e suplementares, do enredo e da estrutura narrativa. Por isso, talvez, a compulsão à repetição, a rever mais e mais o filme, a reler cenas – no vício e na coleção, a peça que sobra impede o apaziguamento das equações que fecham e das pontas que se harmonizam, em um todo unívoco e coerente. Afinal, no livro e no filme, a equação não fecha. Nenhuma explicação unilateral dá conta do universo de emoções e valores representado (redescrito). E daí talvez a razão pela qual a metáfora nuclear seja a tortura. Torturar é reificar o outro, tomando seu corpo como objeto e levando esse aviltamento ao limite, submetendo vontade e sensação alheias. Mas não é esse o sentido último do movimento de quem se recusa a abrir-se para a singularidade da voz que ouve, da obra que lê ou vê? Esse solipsismo, essa clausura narcísica, essa paranóia defensiva e agressiva, essa impossibilidade de abrir-se e oferecer um espaço de acolhida para a obra em sua densidade distintiva, essa obsessão pelo julgamento, essa volúpia taxonômica, não seriam, essas patologias da leitura, equivalentes metafóricos da tortura? Esses dós de peito morais e politicamente patrulhadores não seriam mimetismos patéticos do capitão Nascimento? Ou seja, quem detesta o personagem não o odeia por identificar-se com ele? E isso não acaba obliterando a sensibilidade hermenêutica, a qual exigiria abertura para o outro, para a alteridade que a obra afirma, representa e dramatiza? ■